



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL**  
**CAMPUS CERRO LARGO**  
**CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS PORTUGUÊS E ESPANHOL –**  
**LICENCIATURA**

**ELEANDRO SEVERO**

**A LÍNGUA PORTUGUESA COMO AGENTE DE TRANSFORMAÇÃO E**  
**EMANCIPAÇÃO SOCIAL**

**CERRO LARGO**

**2020**

**ELEANDRO SEVERO**

**A LÍNGUA PORTUGUESA COMO AGENTE DE TRANSFORMAÇÃO E  
EMANCIPAÇÃO SOCIAL**

Trabalho apresentado ao curso de Letras Português e Espanhol – Licenciatura, da Universidade Federal da Fronteira Sul – *campus* Cerro Largo, como requisito parcial para aprovação na disciplina de Projeto de Trabalho de Curso.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr. Leila Bom Camillo

CERRO LARGO

2020

**Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS**

Severo, Eleandro

A LÍNGUA PORTUGUESA COMO AGENTE DE TRANSFORMAÇÃO E EMANCIPAÇÃO SOCIAL: A LÍNGUA PORTUGUESA COMO AGENTE DE TRANSFORMAÇÃO E EMANCIPAÇÃO SOCIAL / Eleandro Severo. --

2020.

25 f.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr. Leila Bom Camillo

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -

Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de

Licenciatura em Letras - Português e Espanhol, Cerro

Largo, RS, 2020.

I. Camillo, Leila Bom, orient. II. Universidade

Federal da Fronteira Sul. III. Título.

**Elaborada pelo sistema de Geração Automática de Ficha de Identificação da Obra pela UFFS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).**

ELEANDRO SEVERO

**A LÍNGUA PORTUGUESA COMO AGENTE DE TRANSFORMAÇÃO E  
EMANCIPAÇÃO SOCIAL**

Trabalho de conclusão do curso de graduação apresentado como requisito para obtenção do grau de Licenciado em Letras: Português e Espanhol da Universidade Federal da Fronteira Sul.

Orientadora:  
Profa. Dra. Leila Bom Camillo

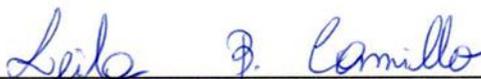
Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em:

24/08/2020

BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Leila Bom Camillo – UFFS  
(Presidente/Orientadora)



Profa. Dra. Ana Cecilia Teixeira Gonçalves – UFFS\*



Profa. Dra. Cláudia Eliane Ilgenfritz Toso - UFFS\*

\*Assinatura do(a) Presidente da banca representando os demais membros conforme Ofício-Circular N° 8/2020 – PROGRAD.

## RESUMO

A disciplina de língua portuguesa possui um importante papel na formação dos sujeitos. A forma como é tratado o ensino de LP em uma instituição escolar pode revelar a ideologia dominante na sociedade, pois, se abordada com fundamentação em teorias tradicionais, pode formar cidadãos alienados, mas, em oposição, também pode, com fundamentação em teorias críticas, buscar a formação de cidadãos emancipados e com uma visão crítica do mundo. Este trabalho discute o ensino da Língua Portuguesa como ferramenta para a formação de sujeitos críticos e emancipados. Dessa forma, o objetivo deste trabalho é apontar meios para que a Língua Portuguesa seja um caminho de emancipação e empoderamento dos alunos. Para responder aos questionamentos norteadores da pesquisa, foi utilizado um aporte teórico com base em Callai e Moraes (2017), Guedes (1997) e Shor e Freire (1986), que defendem a ideia de um ensino crítico e emancipatório. A pesquisa foi construída com uma abordagem de caráter qualitativo exploratório definido a partir do estudo de dados documentados no estágio de língua portuguesa, como também a partir da análise das referências bibliográficas que fundamentam este trabalho. Os resultados obtidos revelam que o ensino de Língua Portuguesa é libertador, pois trata-se de um movimento de reflexão crítica da realidade que permite o desenvolvimento emancipatório, principalmente das pessoas menos favorecidas economicamente. Como considerações apresentadas, convém destacar que é por meio da Língua Portuguesa que a sociedade terá argumentos para lutar contra qualquer tipo de discriminação, lutar contra o sistema que oprime para manter o poder nas mãos de poucos.

**Palavras-chave:** educação, Língua Portuguesa, emancipação, empoderamento.

## **RESUMEN**

La asignatura de Lengua Portuguesa tiene un papel importante en la formación de los sujetos. La forma en que se trata la enseñanza de la LP en una institución escolar puede revelar la ideología dominante en la sociedad, pues, si se aborda con base en teorías tradicionales, puede formar ciudadanos alienados, pero, en contraposición, también puede, con base en teorías críticas, buscar la formación de ciudadanos emancipados con una visión crítica del mundo. En este trabajo se analiza la enseñanza de la lengua portuguesa como herramienta para la formación de sujetos críticos y emancipados. Así, el objetivo de este trabajo es señalar caminos para que la lengua portuguesa sea un camino de emancipación y empoderamiento de los estudiantes. Para responder a las preguntas orientadoras de la investigación, se utilizó un enfoque teórico basado en Moraes (2017), Guedes (1997) y Shor y Freire (1986), que defienden la idea de una enseñanza crítica y emancipadora. La investigación se construyó con un enfoque cualitativo exploratorio definido a partir del estudio de datos documentados en la etapa de pasantía en Lengua Portuguesa, así como del análisis de las referencias bibliográficas que sustentan este trabajo. Los resultados obtenidos revelan que la enseñanza de la lengua portuguesa es liberadora, ya que es un movimiento de reflexión crítica de la realidad que permite un desarrollo emancipador, especialmente para las personas menos favorecidas económicamente. Según las consideraciones presentadas, cabe mencionar que es a través del idioma portugués que la sociedad tendrá argumentos para luchar contra cualquier tipo de discriminación, para luchar contra el sistema que oprime para mantener el poder en manos de unos pocos.

**Palabras clave:** educación, lengua portuguesa, emancipación, empoderamiento.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>7</b>
<b>2</b>	<b>FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA .....</b>	<b>9</b>
<b>3</b>	<b>METODOLOGIA .....</b>	<b>15</b>
3.1	MAPEAMENTO DO CONTEXTO .....	16
<b>4</b>	<b>ANÁLISE DE DADOS .....</b>	<b>19</b>
4.1	CATEGORIAS.....	19
<b>4.1.1</b>	<b>Consciência cidadã e emancipação .....</b>	<b>19</b>
<b>4.1.2</b>	<b>Razões para emancipar os alunos.....</b>	<b>22</b>
<b>5</b>	<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>25</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>26</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O ensino de Língua Portuguesa tem sido modificado ao longo das últimas décadas e ainda há espaço para mudanças no que se refere à emancipação dos estudantes. Nesse sentido, a antiga forma de ensinar já não cabe mais nas salas de aulas de hoje. O ensino voltado principalmente aos conteúdos formais, que acabam limitando os alunos e impedindo que façam novas interpretações da realidade, dificulta a autonomia dos alunos e também dos professores.

No presente trabalho, apresento como questionamento a forma de ensino no qual o professor repassa os conteúdos já finalizados, sendo ele o único detentor do conhecimento. Pretendo investigar se um dos caminhos para resolver isso é dar liberdade para que os alunos possam aprender com criticidade e não somente receber os conteúdos já prontos e sem possibilidade de inovar. Tendo em vista que os contextos social e político de alunos e professores são constantemente alterados, cabe ao professor estar preparado para atender às novas demandas dos alunos.

Nesse sentido, é necessário oportunizar ao aluno a sua emancipação, visto que, em um país com tanta desigualdade social e repressão de direitos, aquele que não consegue se impor a fim de garantir melhores condições de vida fica à margem da sociedade. Para que a cidadania se concretize, a Língua Portuguesa tem um papel primordial. Dessa forma, pretendo expor a importância da língua portuguesa para além dos conteúdos tradicionalmente estabelecidos.

Por ser a língua oficial do Brasil, investigar a Língua Portuguesa pode parecer fácil, entretanto basta analisar alguns aspectos para mudar de ideia. São exemplos disso o elevado número de analfabetos funcionais existentes, como também a grande variedade linguística que o Brasil apresenta, entre outras particularidades que a Língua Portuguesa possui. Nessa perspectiva, quem não atinge o seletivo grupo daqueles que conseguem ter domínio da forma elegida como língua padrão na oralidade e na escrita, fica excluído de muitos benefícios e direitos sociais, como o acesso à universidade, ao trabalho com remuneração adequada, à saúde, entre muitos outros direitos.

Dessa forma, se o objetivo das aulas de LP consiste em ter alunos críticos, que sejam capazes de refletir antes de tomar como verdade tudo que escutam, é preciso alertá-los para que tenham condições de discernir e saibam tomar posição frente a tantas formas de manipulação que a mídia, a política e a indústria de bens e consumo tenta estabelecer. Assim, apresento os seguintes questionamentos: será que a escola vem se perpetuando nesse cenário de exclusão? Caso a resposta

seja afirmativa, de que forma os professores poderiam quebrar este círculo vicioso de exclusão pela própria língua materna? Como mudar a metodologia e as crenças já enraizadas desde a educação inicial até a formação superior dos professores? Que autonomia deve ser dada aos alunos? Que emancipação é esta e para quê?

Ainda neste trabalho, quero explicitar medidas pontuais para o cotidiano do trabalho do professor que o ensino da língua portuguesa demanda. Assim, sugiro ações para desenvolver a emancipação dos alunos, contribuindo para o ensino da língua alvo da pesquisa e auxiliando os futuros docentes na escolha do método de ensino, demonstrando razões que justificam o ensino como meio para transformar a sociedade.

Partindo desses elementos, o objetivo deste trabalho é refletir meios para que a língua portuguesa seja um caminho de emancipação e empoderamento dos alunos, já que é a língua oficial do país. Posiciono-me como docente em formação, como pessoa que não teve contato extenso como docente em sala de aula, mas apenas transitório em período de estágio. Dessa forma, as posições aqui defendidas partem das vivências desse período e também dos estudos durante a graduação.

Os objetivos específicos do trabalho são os seguintes: a) refletir sobre a forma que a língua portuguesa está sendo trabalhada; b) sugerir ações para ter alunos emancipados; c) contribuir para o ensino da língua alvo da pesquisa; d) auxiliar os docentes na escolha do método de ensino, demonstrando razões que justificam o ensino como meio para transformar a sociedade.

Utilizar a linguagem como meio de ação social buscando a garantia de direitos é primordial. Aquele que possui habilidade linguística abre o caminho para a libertação, para a sua emancipação e da sua comunidade, será capaz de circular em qualquer espaço social, com segurança e ciência de seus direitos e deveres.

Para responder aos questionamentos norteadores da pesquisa, foi utilizado um aporte teórico com base em Callai e Moraes (2017), Guedes (1997) e Shor e Freire (1986), que defendem a ideia de um ensino crítico e emancipatório. A pesquisa foi construída com uma abordagem de caráter qualitativo exploratório definido a partir do estudo de dados documentados no estágio de Língua Portuguesa e a partir da análise das referências bibliográficas que fundamentam este trabalho, buscando apontar meios para que a língua portuguesa seja um caminho de emancipação e empoderamento.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A consciência social não é algo abstrato, mas está intimamente associada ao dia a dia. Por exemplo, quando alguém ultrapassa o seu direito e reprime o do outro, é necessário estar preparado, empoderado e emancipado para não ser desrespeitado e, o que é pior, consentir com a ação e a naturalizar. Antes de querer emancipar é preciso estar emancipado interna, individual e profissionalmente, ou seja, consiste em um movimento de dentro para fora, internalizado e refletido conscientemente nas ações. Para o professor e para o aluno, é fundamental ter a capacidade de ver o seu entorno e avaliar o que está ocorrendo, quais interferências são presenciadas e ao que está sendo exposto para a partir disso posicionar-se.

Callai e Moraes (2017, p. 338), afirmam que “ouvir o professor que atua no Ensino Fundamental permite identificar como ele trabalha, a questão é se ele próprio se reconhece com consciência cidadã que lhe permita trabalhar os conteúdos escolares como instrumento para compreender o lugar em que vivem”. Nesse sentido, desde os anos iniciais do ensino fundamental o ensino voltado para a formação cidadã deve ser pensado. Desenvolver os conteúdos mais próximos da realidade dos estudantes, de sua comunidade, e apontar para os caminhos que ultrapassam qualquer distância é uma maneira de o professor ensinar para uma consciência cidadã. Diante disso, fica evidente que o movimento da formação cidadã deve caminhar em direção à um esclarecimento dos indivíduos à medida que se efetiva.

O acesso à escola, aos saberes que ela oferece, é visto como garantia para tornar os alunos cidadãos emancipados? Ou será que os torna apenas sabedores, repetidores de códigos e reprodutores do que o capitalismo espera? Acredito que saber os conteúdos estipulados, ou melhor, as habilidades definidas pelos documentos norteadores, é muito importante, mas o ensino precisa ir muito além disso. Nesse sentido, o ensino deve ser desenvolvido com o intuito de elucidar o porquê de tudo o que se aprende para ir além. É preciso também ensinar a procurar o implícito, criar condições para que desenvolvam essas habilidades e usar o conhecimento formal como ferramenta para uma lucidez maior nas suas relações com o mundo globalizado.

Segundo Guedes (1997, p. 83), “desde muito cedo, percebemos que nem sempre as pessoas falam para transmitir informações e quase sempre falam para nos informar a respeito da posição que ocupam ou acham que ocupam”. Para perceber o máximo de informações que o interlocutor tenta transmitir, é requerida uma alta habilidade de fazer associações com o conhecimento de

mundo que o indivíduo possui, daí a importância de sua emancipação, de sua criticidade e de saber posicionar-se.

O professor é o mediador do conhecimento nas aulas, é figura central para o processo de emancipação. Por isso, o foco deve estar na relação estabelecida com o aluno a partir da consciência de que o professor é o par mais experiente. Nesse sentido, de acordo com Guedes (1997, p. 85), “essa nova relação a ser construída terá de nos encaminhar para a superação da visão colonizada que temos de nós mesmos, visão que o tradicional ensino de Português contribuiu para que construíssemos dentro de nós”. No mesmo sentido, Luft (1985, p.2) reitera que:

Essa fundamental posição política a ser tomada é a proclamação, para nós mesmos, que nós, brasileiros - ao contrário do que sempre as elites dirigentes afirmaram e fizeram a escola repetir e fazem os meios de comunicação de massa reiterar - somos tão capazes quanto os demais seres humanos do planeta de dar conta de todas as nossas necessidades expressivas na língua que falamos.

Uma das possibilidades é incentivar a emancipação por meio dos textos que serão trabalhados nas aulas, não aceitando os sentidos já finalizados pela tradição e interesse dos grupos dominantes. O professor faz a sua construção de sentidos e incentiva os estudantes a fazer as construções deles. Isso a partir da própria realidade do professor e das outras realidades que ele vê, enriquecendo assim a experiência de vida e criando novas interpretações e sentidos. Assim, Guedes (1997, p. 86) confirma:

Libertemo-nos, libertamos nossos alunos e nossas aulas da pesada herança colonialista que tem feito do ensino de Língua Portuguesa um dos mais eficazes instrumentos de exclusão do povo brasileiro, não só da escola, mas também da vida cultural e política do País.

O exercício da democracia na experiência escolar precisa ser mediado, mesmo que seja uma experiência breve, pois os alunos compartilham os saberes das aulas em casa e na comunidade, o que aumenta ainda mais a responsabilidade do período que passam na sala de aula. Sendo assim, é na sala de aula o momento ideal para quebrar as correntes impostas pelos grupos dominantes e, sem esse momento, o resultado poderá ser uma vida inteira como vítima de um sistema opressor, que não aceita as diferenças e se satisfaz em distanciar a maioria dos brasileiros dos autores elegidos como cânones de Literatura e da Língua Portuguesa com o intuito apenas de manter a ideologia de poder.

De acordo com Guedes (1997, p. 88):

O ensino tradicional de Português, que só ouve a língua falada pelo aluno para exemplificar *erros de português*, que faz discurso sobre a gramática, que apresenta os *bons autores da língua* como modelos inatingíveis, nunca pretendeu ensinar a língua culta, mas apenas apresentá-la ao aluno de uma forma suficientemente difusa para que ele ache mais prudente calar-se sempre que pressinta estar diante de suas manifestações. (grifo do autor)

Para que o ensino tradicional não continue sendo perpetuado, é necessário que os professores mantenham a preocupação de olhar para esse movimento, tarefa que encontra problemas para ser efetivada, como por exemplo, vencer o modelo que foi imposto durante toda a vida educacional, inclusive no ensino superior. Por isso, é possível encontrar muitos educadores e doutores da área que continuam com este ensino tradicional apesar de discursar de forma alinhada à emancipação. Isso se confirma pelo fato de colocar os autores tradicionais numa espécie de altar e, diante disso, não aceitam as opiniões que divergem das suas. O que fica comprovado devido à prática na sala de aula, uma vez que exaltam apenas os acadêmicos que conhecem os autores tradicionais, os que foram elegidos por um seletivo grupo de intelectuais.

Cabe aqui destacar que enquanto for mais cômodo para os alunos não contrariar os mestres e doutores, e ainda fingir seguir tais ideais a perpetuação do ensino tradicional fica mantida. Outra consequência é o silenciamento dos alunos, o que leva a uma reprodução dos métodos tradicionais de ensino, pois internamente o futuro professor buscará meios de trabalhar com os alunos e encontrará de fato o que justamente não concordava enquanto aluno. A tendência é repetir o que está no seu inconsciente, as experiências que teve desde a sua formação inicial até o ensino superior.

De acordo com Shor e Freire (1986, p. 18), “os professores têm poucas oportunidades de ver salas de aula libertadoras, os programas de formação de professores são quase sempre tradicionais e as escolas que eles frequentam não estimulam a experimentação”. A flexibilidade dos conteúdos é fundamental na educação cidadã e estar atento às diferenças existentes é um dever, fazendo assim com que os alunos se sintam capazes e importantes em relação a seus direitos e deveres.

É no momento do planejamento que o professor reflete sobre o caminho que pretende mostrar aos alunos e essa reflexão é fundamental para qualificar e emancipar os estudantes. Para tal, aprender a valorizar a própria realidade e a da comunidade se torna uma necessidade. Nesse

sentido, aprender que cada pessoa e cada lugar tem importância, não apenas algumas pessoas, alguns lugares ou mesmo alguns textos, elegidos, na maioria das vezes, por aqueles que não compartilham da mesma realidade.

Segundo Shor e Freire (1986, p. 16):

Os estudantes são formados para ser operários ou profissionais liberais que deixem a política para os políticos profissionais. Esses currículos falsamente neutros formam os estudantes para observar as coisas sem julgá-las, ou para ver o mundo do ponto de vista do consenso oficial, para executar ordens sem questioná-las, como se a sociedade existente fosse fixa e perfeita.

O currículo oficial orienta para esse cenário de perpetuação do poder e o professor precisa burlar esse sistema para poder conscientizar os alunos. A resistência dos alunos em realizar atividades dentro de uma metodologia tradicional é uma forte evidência de que existem problemas nesse modelo de ensino. O professor deve buscar meios para desenvolver a potencialidade de criação dos alunos, a criticidade, visto que a forma de ensino tradicional não incentiva e, até, reprime quem questiona.

Assim, as aulas estão condicionadas aos padrões que determinado grupo decidiu que seria o ideal, sem levar em conta a opinião dos professores, estudantes e da comunidade em que esse está inserido. Em um país com tanta variedade linguística, costumes, tradições e religiões diferentes, ao seguir uma única forma de linguagem como sendo a linguagem padrão, não há espaço para a construção da consciência cidadã, apenas confirmação do consenso pré-estabelecido pelo ensino tradicional.

Nessa perspectiva, o professor que deseja trabalhar na emancipação dos alunos precisa mostrar e denunciar as ideologias dominantes para que os estudantes possam refletir sobre a sociedade e, assim, resistir pelo menos a alguns aspectos aos quais estão sujeitos. Conforme Shor e Freire (1986, p. 20), “uma pedagogia autoritária ou um regime político autoritário, não permite a liberdade necessária à criatividade e, é preciso criatividade para aprender”. O sistema que orienta o ensino trabalha na perpetuação de determinados padrões sociais que não colocarão em risco seus interesses.

De acordo com Shor e Freire (1986, p. 28):

Seria ingênuo demais pedir à classe dirigente no poder que pusesse em prática um tipo de educação que pode atuar contra ela. Se permitisse à educação desenvolver-se sem

fiscalização política, isso traria infindáveis problemas para os que estão no poder. Mas as autoridades dominantes não permitem que isso aconteça e fiscalizam a educação.

A atitude do professor em sala de aula é tão importante quanto os conteúdos. Se a experiência social do professor é diferente daquilo que ele diz em sala de aula, os alunos irão perceber e em consequência perderão a motivação nas aulas. Isso ocorre devido ao fato de o professor por vezes ser o único a incentivar o estudante, pois o restante da sociedade, normalmente, já se encarrega do contrário. Se o professor discursa em favor da liberdade, mas nas aulas age autoritariamente como sendo o único detentor da verdade não terá coerência em seu discurso.

Segundo Shor e Freire (1986, p. 21):

O rosto e fala do professor podem confirmar a dominação, ou refletir possibilidades de realização. Se os estudantes veem e ouvem desprezo, o tédio, a impaciência do professor, aprendem, uma vez mais, que são pessoas que inspiram desgosto e enfado. Se percebem o entusiasmo do professor quando este lida com seus próprios momentos de vida, podem descobrir um interesse na aprendizagem crítica.

Acredito que as atitudes e até um simples olhar influenciam na motivação dos alunos, haja vista a importância que o professor tem como emancipador. Nesse sentido, a escolha dos textos e temáticas é fundamental para essa mudança, os textos que vêm prontos nos livros poderão ser usados desde que adaptados ao contexto do aluno.

Shor e Freire (1986, p. 29) destacam que:

A tarefa reprodutiva da ideologia dominante leva a obscurecer a realidade, a evitar que as pessoas adquiram uma percepção crítica, que “leiam” sua própria realidade de forma crítica, que aprendam a razão de ser dos fatos que elas descobrem. Tornar a realidade obscura significa levar as pessoas a dizer que A é B, e que B é N, a dizer que a realidade é um produto fixo apenas para ser descrito, ao invés de reconhecer que cada momento se faz na história, e pode ser mudado num processo histórico.

Reproduzir os comportamentos de submissão instituídos pelas ideologias dominantes é o que a maior parte das pessoas espera que o professor faça, reprimindo as ideias individuais e inovadoras dos alunos. Diante disso, Shor e Freire (1986, p. 29), afirmam que “nossa tarefa, a tarefa libertadora, no nível institucional das escolas, é de iluminar a realidade. Claro que, esta não é uma tarefa neutra, como aquela outra também não é”. O movimento cultural em que a sociedade está inserida é o próprio vilão da busca pela liberdade, a tarefa de libertar-se desse sistema de opressão

não vai acontecer de imediato, para isso é preciso reunir as forças dos professores e dos alunos que almejam por uma sociedade de ideias livres.

### 3 METODOLOGIA

Neste capítulo, apresento os procedimentos metodológicos adotados no presente estudo e as etapas da pesquisa. A atividade inicial foi a busca teórica de fundamentos para a elaboração do trabalho. O passo seguinte foi realizar a leitura do relatório de estágio III em LP. Escolhi o meu relatório por sentir que as mudanças devem começar em nós, em uma ação reflexiva e consciente de nossas ações. Por último realizei a categorização.

Para efetivar as etapas, esta pesquisa possui caráter qualitativo, definido a partir do estudo de dados documentais. A análise foi feita por categorias, nas quais procurei suporte a fim de evidenciar que a Língua Portuguesa funciona como uma ferramenta pela qual os alunos têm acesso à emancipação.

De acordo com Gibbs (2009, p. 60):

A aplicação de nomes a passagens de texto não é arbitrária, envolvendo um processo deliberado e refletido de categorização do conteúdo do texto. Codificar significa reconhecer que não há apenas exemplos diferentes de coisas no texto, mas há diferentes tipos de coisas às quais se faz referência.

O corpus de pesquisa é constituído da documentação pedagógica da escola – Regimento escolar e Projeto Político Pedagógico, e do Relatório de Estágio III. Os documentos escolares auxiliaram no mapeamento do contexto da pesquisa. O relatório de estágio, realizado durante o Curso de graduação em Letras da Universidade Federal da Fronteira Sul, serviu de base para a criação de categorias de análise.

Esta pesquisa pode ainda ser identificada como um estudo de caso, pois descreve as situações e experiências construídas pelo autor do trabalho durante a prática docente em um contexto específico de sala de aula. Ainda que as generalizações aqui apresentadas sejam específicas desse contexto, muitas considerações podem ser transpostas para outras situações similares em que o ensino de linguagem seja o objeto.

Segundo Yin (2010, p. 24):

Em resumo, o método do estudo de caso permite que os investigadores retenham as características holísticas e significativas dos eventos da vida real – como os ciclos individuais da vida, o comportamento dos pequenos grupos, os processos organizacionais e administrativos, a mudança de vizinhança, o desempenho escolar, as relações internacionais e a maturação das indústrias.

Definidos a abordagem e a natureza da pesquisa, foram realizados os seguintes procedimentos de análise:

- i) análise dos conceitos teóricos para mapeamento do contexto;
- ii) análise do relatório para criação de categorias linguísticas;
- iii) verificação das categorias por meio de dados retirados do relatório de estágio.

Na sequência apresento o contexto escolar de atuação do estágio.

### 3.1 MAPEAMENTO DO CONTEXTO

De que forma pode-se caminhar mais alinhado para que a língua portuguesa seja transformadora e emancipatória na vida dos estudantes, individualmente e em sociedade?

Para tal questionamento e em busca de possíveis esclarecimentos será analisada a documentação pedagógica que compôs o meu relatório de estágio III, realizado durante o Curso de graduação em Letras. Com ele trago também inquietações que surgiram ao longo da graduação em relação às teorias apresentadas e à metodologia adotada pelos professores. Na sequência apresento o contexto escolar onde realizei o estágio III em LP, afim de informar a realidade onde a escola está inserida e cada leitor poderá comparar com outras realidades que tem contato.

O colégio Estadual João de Castilho foi escolhido para a prática das aulas de português no estágio III em LP. As aulas ministradas ocorreram na turma da professora Marta Lúcia Nagl, 7º ano, em um único grupo com 14 alunos, e no 1º ano, em um único grupo também, a professora da turma era Cibeli Machado, tendo 32 alunos a turma, durante o ano de 2018.

A escola onde foram realizados os estágios fundamental e médio está localizada na Avenida Independência, 805, na cidade de Salvador das Missões no Estado do RS. Atualmente, a escola tem 25 professores, 6 funcionários e em média 200 estudantes. A escola atende em turno integral e a maioria dos estudantes são da área rural.

A escola possui escadas, mas não tem acessibilidade, esse é um problema que a direção sente necessidade de resolver assim que possível, porém as verbas sempre são um empecilho. Em termos de infraestrutura, há uma quadra esportiva coberta de boa qualidade, refeitório e laboratório de informática.

Destaco a existência de biblioteca muito bem organizada, com muitos livros em língua portuguesa. A bibliotecária faz um excelente trabalho, com empolgação e amor pelo que faz. A

profissional informou que, além dos livros que os professores acham necessário comprar, ela faz uma pesquisa por livros que os estudantes tem interesse em ler, tudo isso para trazer a leitura como uma prática mais viva no contexto escolar.

O refeitório da escola é amplo e nele são feitas refeições duas vezes ao dia, porém as verbas para esse setor são baixas. A verba para a merenda por aluno é de alguns centavos por dia, obrigando os funcionários a fazer um grande esforço para atender os estudantes com uma refeição de qualidade.

A escola possui 10 salas de aula bem equipadas com recursos de áudio e vídeo, além de climatizadores de ar, tornando o ambiente um bom espaço para estudar. Além dessas salas, existem secretaria, sala da direção, salas de coordenadores, salas dos professores. Na área externa, há um parque infantil com brinquedos para as crianças com um amplo espaço para diversas brincadeiras. O espaço mais frequentado pelos alunos, além das salas de aula, é a área coberta, onde fazem brincadeiras e permanecem durante o intervalo.

A diretora e a equipe de coordenação têm salas separadas, uma para coordenação, supervisão e outra para administração e trabalhos pedagógicos. Os professores têm uma sala e um espaço para estudos e reuniões, onde podem se encontrar para discutir, avaliar e coordenar os conteúdos a serem ministrados.

O colégio Estadual João de Castilho tem como Lema “Educar para a vida”. A Missão é contribuir para a formação de pessoas críticas, política, ética e moralmente ativas, conscientes de seus direitos e obrigações, responsáveis e comprometidas com a defesa da democracia e dos direitos humanos e dos meios que vivem, com a participação de comunidades de aprendizagem. Tem como meta o que é transcrito em sua Visão: Ser referência educacional no aprimoramento e na construção do aprender, do conhecer, do fazer, do conviver e do ser (SALVADOR DAS MISSÕES, 2015).

Em seus 76 anos de história, a escola contribuiu para a educação de crianças, adolescentes e jovens, formando lideranças e profissionais dispersos pelo mundo. O colégio, em sua proposta pedagógica estabelece, e entende que deve dar importância a enfoques abrangentes e que são indispensáveis para o pleno desenvolvimento do educando (SALVADOR DAS MISSÕES, 2015).

Todos os saberes do passado e do presente são o lastro para o entendimento das ciências e das artes que hoje são necessários. Nesse sentido a escola se propõe a oportunizar uma educação libertadora, formadora de sujeitos críticos e transformadores da realidade, na perspectiva da

construção de uma sociedade justa, democrática e humanista, fortalecendo a participação da escola na comunidade e da comunidade na escola, qualificando a integração escola-família-sociedade, para o comprometimento de todos no processo educativo (SALVADOR DAS MISSÕES, 2015).

O colégio visa dar condições possíveis ao aluno de ser um sujeito crítico e transformador da sociedade, um ser íntegro, consciente, livre e preparado para assumir os compromissos que a sua profissão e a comunidade dele requerem. Essas condições permitem que os alunos se revelem e se realizem como seres humanos participantes, criativos e atuantes em todos os setores da sociedade. Na perspectiva da construção de seu conhecimento e de uma sociedade justa, democrática e humanista, o indivíduo não deixa de ser um ser social e coerente com anseios e princípios da sociedade (SALVADOR DAS MISSÕES, 2015).

Quanto à avaliação, a escola entende por avaliação não apenas o processo de análise em que são apresentados os aspectos em que se atingiu, ou não, o que o Projeto Político Pedagógico propõe, também não é entendida somente como aquela que se refere à aprendizagem do aluno e ao desempenho do professor. A avaliação é um processo de reflexão sobre todas as atividades que a escola oferece. Assim, a avaliação deve ser o acompanhamento e controle sistemático e continuado da operacionalização do currículo da Escola. Para tanto devem acontecer reuniões de avaliação periódicas, das quais devem fazer parte elementos dos mais diversos segmentos que compõem a comunidade escolar (SALVADOR DAS MISSÕES, 2015).

## 4 ANÁLISE DE DADOS

Em seguida apresento os elementos temáticos e teóricos que orientaram as aulas. Por fim, são apresentadas e exemplificadas as categorias linguísticas obtidas por meio da análise do corpus.

### 4.1 CATEGORIAS

Nas próximas duas subseções, são apresentadas e exemplificadas as categorias criadas durante a análise do corpus. Primeiramente são expostas as questões relativas à consciência cidadã e à emancipação. No segundo momento são expostas as razões para a busca de consciência e emancipação.

Durante a realização do Estágio III, em Língua Portuguesa, trabalhei com textos de temáticas referentes às relações familiares e à realidade das pessoas que vivem no meio rural. Entretanto, para chegar ao tema aqui proposto, foi um longo caminho na escolha de autores e textos que caminham alinhados com a educação libertadora. Dessa forma foram buscados conteúdos que estavam próximos da realidade dos alunos e que, ao mesmo tempo, elucidavam a possibilidade de transformar aquele contexto, sem que parecessem utópicos para os alunos.

Esse tema se faz pertinente em uma realidade na qual os alunos estão em constante contato com a natureza, pois são, na maior parte, filhos de agricultores e mesmo os que não são estão próximos da natureza na mesma proporcionalidade, visto que a escola está localizada em um pequeno município, onde cidade e interior estão separados apenas por convenções geográficas, pois estando em áreas do centro da cidade você consegue ver plantações agrícolas, criação de animais e matas. Nesse sentido, no desenvolvimento deste estudo, foi possível verificar a importância dos conteúdos e/ou habilidades escolhidas para trabalhar durante as aulas de estágio e o reflexo dessas escolhas na emancipação dos alunos.

#### 4.1.1 Consciência cidadã e emancipação

A noção de emancipação deste trabalho é aquela que descreve a possibilidade e capacidade de os indivíduos participarem ativamente e criticamente em seus contextos de atuação. Durante o

estágio III, fiz observações no relatório final com reflexões a partir do ensino literário e do ensino de língua portuguesa. No tópico resultados e discussão do estágio, é possível verificar que: *“no ensino médio as aulas foram sobre o gênero literário conto, foi muito bom trabalhar esse gênero, com um tema que trouxe muitas reflexões para a vida dos estudantes. **Procurei incentivar o respeito pelas diferenças e a busca de direitos**”* (SEVERO, 2020, p.14). Ainda no tópico resultados e discussão do estágio observa-se o seguinte: *“O Conto ‘A Caolha’, de Júlia Valentim da Silveira Lopes de Almeida, foi trabalhado com a turma, sendo o veículo com o qual **os alunos puderam entrar em contato com a realidade da relação pais e filhos nos tempos atuais**”* (SEVERO, 2020, p.14).

No trecho destacado, percebe-se a preocupação do professor com a realidade do aluno e o movimento se dá quando o professor se enxerga como cidadão. Nesse sentido, fica perceptível no relato a busca pela cidadania no decorrer das aulas e das interações feitas com os alunos. A decisão de trabalhar com esse conto e com esse gênero se dá por ter sido feito um reconhecimento prévio da turma, o que gerou aceitação da proposta.

Conhecer a realidade é fundamental para desenvolver a consciência cidadã. A começar pelo local em que se reside, saber a história e poder refletir sobre as influências a que se está sujeito e saber se essas determinam ou não as experiências de vida. Nesse sentido, Callai e Moraes (2017, p. 338), afirmam que “ouvir o professor que atua no Ensino Fundamental permite identificar como ele trabalha, a questão é se ele próprio se reconhece como consciência cidadã que lhe permita trabalhar os conteúdos escolares como instrumento para compreender o lugar em que vivem”.

A aula do estágio III, anteriormente exemplificada, trata de temas que fazem parte da realidade de muitas famílias. A temática apresenta uma fuga do “mundo perfeito”, mostra que linguagem e realidade estão conectadas e traz a possibilidade de livrar-se do sentimento de vítima da sociedade. Sendo assim, reconhecer a própria realidade é fundamental para conquistar direitos e saber o que realmente é preciso. O professor pode contribuir com este sentimento à medida que trabalha com textos críticos, lúcidos e que auxiliie na construção da consciência crítica dos alunos. Conforme Shor e Freire (1986), as tarefas que auxiliam na reprodução da ideologia dominante obscurecem a realidade, impedindo uma leitura crítica, o que leva à alienação. Cabe ao professor romper com esses construtos.

Na seção de resultados e discussão do estágio, destaco o seguinte: *“O imaginário das pessoas com o pré-julgamento pode criar estereótipos somente negativos, não se vê o outro como*

*peessoa, que cada qual tem suas qualidades, mas também defeitos. Ao tratar o aspecto do conto em sala de aula, a turma tem contato com outros elementos e passa a reconhecer a importância de não se julgar as pessoas por suas aparências” (SEVERO, 2020, p.14).*

Já na seção de Caracterização da realidade escolar, observou-se o seguinte: *“A metodologia adotada pelo professor deve levar em consideração **o educando como sujeito do conhecimento, transformador da realidade social.** O processo ensino-aprendizagem se dará de forma coletiva e se efetuará gradativamente pelo envolvimento de cada um em torno dos objetivos propostos. Deve adequar-se ao momento e aos conteúdos, mediando o conhecimento” (SEVERO, 2020, p.8).*

No tópico Resultados e discussão do estágio, aborda-se que: *o imaginário das pessoas com o pré-julgamento, na sociedade, e por sua aparência por vezes é muito diferente de sua realidade, pelo fato de se criar estereótipos somente negativos, **não se vê o outro como pessoa, cada qual tem suas qualidades e defeitos** (SEVERO, 2020, p.14).*

Acredito que é necessário levar textos que sensibilizem os alunos e, com isso, fugir dos textos vistos como modelos, com realidades projetadas sem uma base fundamentada em experiências reais. Nesse sentido, Shor e Freire (1986) apontam a formação, por vezes, é direcionada especificamente para o mercado de trabalho, em que não é preciso pensar criticamente, cabendo ao professor aumentar as possibilidades de os alunos lerem o mundo. Quando são apresentados aos alunos textos irrealistas, eles não terão familiaridade ou criticidade para ler textos reais. Ainda que os textos literários possuam foco principal no entretenimento, são muitas as possibilidades de reflexão abertas por esses textos, o que os constitui como uma importante fonte de dados para o ensino de linguagem.

Nessa perspectiva, procurei trabalhar com questões que possibilitassem a reflexão dos alunos a partir de textos literários, considerando e respeitando a voz de cada aluno quanto ao seu comportamento social, com a possibilidade de repensar atitudes que excluem certas pessoas e, assim, fazer uma análise sob outras formas de exclusão presentes na sociedade. Ainda, no mesmo trecho do Relatório de estágio III, é possível perceber que procurei desenvolver atividades que proporcionassem aos alunos o desenvolvimento do senso de liberdade para expressar suas vontades, desejos e lutas, por meio de diferentes formas e dentro das possibilidades que possuíam no momento.

Ao concluir as atividades em sala de aula, constatei que a resposta dos estudantes foi excelente. Acredito que essa resposta positiva se deve ao fato de que é um tema muito presente no

contexto social deles, além de ser um gênero que os alunos gostam de estudar. Nessa perspectiva, reitero que para o aluno estar motivado o professor deve tornar a experiência em sala de aula o mais atraente possível, objetivando o desenvolvimento da consciência cidadã.

#### **4.1.2 Razões para emancipar os alunos**

No tópico Caracterização da realidade escolar, é definido que o estudo de Literatura e Língua Portuguesa: *“Visa formar cidadãos conscientes, críticos e atuantes no meio social que compreendam a análise de textos de diferentes tipologias como uma ferramenta para proporcionar ao aluno condições de construir conhecimentos linguísticos de tal forma que possa reconhecer e utilizá-los nas diversas situações da vida”* (SEVERO, 2020, p.8).

Segundo Antunes (2009, p. 174), “falando, ouvindo, lendo, escrevendo é que vamos incorporando e sedimentando os padrões da língua. Não há outro jeito!” Nesse sentido, procurei levar material que pudesse somar na vida pessoal do aluno e na vida em sociedade. Busquei criar reflexões entre os estudantes a fim de que pudessem caminhar em direção à uma independência de pensamentos e ações, apesar do pouco tempo em sala de aula, busquei contribuir o máximo possível para uma consciência cidadã.

A independência e a emancipação precisam ser estimuladas na realidade escolar, haja vista que os estudantes compartilham em sociedade suas ideias. Assim, a escolha dos temas trabalhados, ou das temáticas abordadas se torna fundamental, pois, segundo Antunes (2009, p. 175), “ assim se considerarmos a língua nas suas funções de interação, outra perspectiva não podemos adotar em seu estudo senão a das efetivas experiências da comunicação dialógica”. Desse modo, se o professor levar assuntos que reforçam as dificuldades que a maioria das pessoas enfrentam na vida adulta, por exemplo, vai mais uma vez reforçar o que os alunos já estão acostumados a ouvir. O resultado é que ao invés de estimular o movimento de consciência cidadã, é reforçada a sociedade excludente e sem perspectiva.

Um dos temas que ilustram como uma aula pode desestimular os alunos é quando o professor força os alunos a descrever como foram as férias, logo no início do ano, no retorno às aulas após o período de férias. O desestímulo acontece devido à grande parte dos estudantes não possuírem condições de sair de casa e viajar, muitas vezes, ainda, precisam trabalhar desde criança. Outro exemplo são os livros didáticos que apresentam textos com realidades perfeitas, em um país

com tantos problemas de desigualdades sociais, uma realidade tão longe só desestimula. Dessa forma, acredito que temas assim só promovem os que têm melhores condições, colocando os menos favorecidos em escalas mais baixas e, portanto, contribuindo para a propagação das desigualdades.

Na parte de Caracterização da realidade escolar, consta que: *“Trabalhei no sentido de expressar e saber comunicar-se através das artes mantendo uma atitude de busca pessoal e coletiva, articulando a percepção, a imaginação, a emoção, a sensibilidade e a reflexão ao realizar e fruir produções artísticas. No intuito de edificar uma relação de autoconfiança com a produção artística pessoal e o conhecimento estético, respeitando a própria produção e a dos colegas. Também, na busca pelo estímulo dos alunos a produzir as próprias imagens e expressar o que pensam e sentem através de pinturas, desenhos, ilustrações, esculturas, tapeçarias e artesanatos dos mais variados tipos, usando e reciclando materiais alternativos do meio”* (SEVERO, 2020, p.8).

Para que isso se efetivasse, trouxe algumas imagens do fotógrafo Sebastião Ribeiro Salgado, a fim de que os alunos pudessem analisar e refletir sobre a realidade vista nas fotografias, fazendo assim, uma reflexão sobre o mundo. De acordo com Shor e Freire (1986, p. 31):

Todos nós que passamos pela escola tradicional ouvimos muitas aulas onde não há nada além de uma transferência de conhecimento oral, um canal verbal para transferência de conhecimento. Raramente fomos provocados por uma reinvenção criativa da linguagem sob nossos olhos, de um modo excitante, em que a linguagem nos obrigasse a repensar a maneira de ver a realidade.

Quanto à produção textual dos alunos, após a leitura dos poemas de Cora Coralina, O Cântico da Terra (1965) e Conclusões de Aninha (1983), solicitei que a partir dos poemas discutidos em aula, confeccionassem cartazes com pedidos de respeito à opinião de cada um e o direito de todos a expor seu ponto de vista acerca de situações que os envolvessem, buscando assim argumentos para garantia dos direitos individuais e coletivos. Dessa forma, os alunos expressaram seus sentimentos de forma livre e sem julgamento do professor ou dos colegas. Os cartazes foram fixados em local de boa circulação na escola, garantindo o acesso de todos à leitura e à reflexão das mensagens ali escritas. Esse movimento agregou os alunos em busca de mudanças na sociedade e, assim, possibilitou o respeito às diversidades e à opinião de cada um, como também o respeito à liberdade de escolha e de pensamento.

O tema trabalhado ganhou visibilidade pela exposição e pela empolgação dos alunos. Dessa

forma, acredito que as mudanças começam nos indivíduos, com pessoas dispostas a fazer a diferença na própria comunidade. Conforme Shor e Freire (1986, p. 31), “o importante é que a fala seja tomada como um desafio a ser desvendado, e nunca como um canal de transferência de conhecimento”. A linguagem é uma forma de ação social, com o auxílio dela podemos tomar um posicionamento entre ser protagonista ou não.

Por fim, acredito que desde o início da vida escolar é preciso mostrar caminhos para os alunos vencerem as barreiras impostas pela sociedade, vencer por meio de argumentos reais. A escola é um excelente espaço para a superação dessas barreiras e para o aprendizado da linguagem com vistas à ação social. Agindo socialmente, nossos alunos podem defender suas posições com uma consciência cidadã de seus papéis como agentes de mudança.

## 5 CONCLUSÃO

O que acontecerá se a educação não fornecer meios ou possibilidades para os alunos vencerem as barreiras que poderão impedi-los de lutar pelos seus sonhos e objetivos para suas vidas e de seus familiares?

Questionamentos como esses podem e devem ser a motivação diária dos professores. Com isso, acredito que este trabalho trouxe uma singela reflexão sobre a formação de sujeitos com consciência cidadã. Esse é um começo, um passo inicial, há ainda muito a se refletir sobre essa forma de ensino, além disso mudar qualquer coisa que esteja enraizada na tradição cultural não é tarefa fácil.

Nesse sentido, é de conhecimento de todos que a educação libertadora e emancipadora não caminha alinhada com os grupos detentores do poder ao longo das gerações e qualquer movimento desalinhado a suas medidas de controle certamente será reprimido ou colocado em terreno estéril. Dessa forma, o professor de Língua Portuguesa ocupa um papel importantíssimo na vida dos estudantes, pois é por meio da linguagem que é possível buscar autonomia para si e para os alunos. Isso implica que o professor necessita ter consciência cidadã, saber o espaço que verdadeiramente ocupa na sociedade e as influências que sofre antes de procurar construir essa consciência nos alunos. Com base nessas reflexões, será possível agir alinhado com a emancipação e libertação dos estudantes, contribuindo com a mudança e melhora da realidade dos alunos e da comunidade onde atuam.

Portanto é pelo ensino da Língua Portuguesa que é possível emancipar as pessoas menos favorecidas economicamente e que sofrem as consequências de um ensino voltado para a classe dominante, classe essa que se autodenomina elite da sociedade, julgando os que não pertencem ou que não se encaixam dentro dos padrões pré-estabelecidos. É por meio da Língua Portuguesa que a sociedade terá argumentos para lutar contra qualquer tipo de discriminação e lutar contra o sistema que oprime para manter o poder. O ensino de Língua Portuguesa é libertador.

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro e interação** 7. ed. São Paulo: Parábola, 2003.

\_\_\_\_\_. **Língua, texto e ensino: outra escola possível** 10. ed. São Paulo: Parábola, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Parâmetros Curriculares de Língua Portuguesa**. 1º e 2º ciclos. Brasília: 1997. Disponível em:

<[https://pt.wikipedia.org/wiki/Educa%C3%A7%C3%A3o\\_no\\_Rio\\_Grande\\_do\\_Sul#Escolas](https://pt.wikipedia.org/wiki/Educa%C3%A7%C3%A3o_no_Rio_Grande_do_Sul#Escolas)>.

Acesso em: 20 ago.2019.

CALLAI, Helena Copetti; MORAES, Maristela Maria. **Ensinar na sociedade actual: o papel da escola no exercício da cidadania**. ed. Andavira, 2017.

GUEDES, Coimbra Paulo. **A língua portuguesa e a cidadania**.

Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/organon/article/viewFile/29352/18042>. Acesso em: 03 ago. 2020

GIBBS, Graham. **Análise de dados qualitativos**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

SALVADOR DAS MISSÕES. Colégio Estadual João de Castilho. **Projeto Político Pedagógico**. 2015.

SHOR, Ira; FREIRE Paulo. **Medo e Ousadia - O Cotidiano do Professor**. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

YIN, Robert k. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.